

Título: Tensão, revolta e criação romanesca em Camus e Bataille

Projeto de pesquisa para fins de solicitação de bolsa de pesquisa no exterior – BPE - 90 dias -

Rita Paiva – Unifesp – 2023

Nome do pesquisador: Rita Paiva

Pesquisador anfitrião: Anne Simon

Instituição: CIFICF (*Centre International d'étude de la philosophie française contemporaine*
– *École Normale Supérieure*)

I. RESUMO

Esta pesquisa almeja interrogar o modo pelo qual se expressam, em alguns ensaios filosóficos de Albert Camus e de Georges Bataille, a tensão e a revolta suscitadas por uma inconformidade que perpassa toda subjetividade. Na obra de ambos se desdobra uma reflexão acerca do anelo humano pelo reencontro com uma coincidência ontológica que viceja em dimensões inconscientes e assedia o pensamento inteligente. Trata-se do desejo de inserção numa totalidade que revelaria fundamentos sólidos para o existir e propiciaria a superação do sentimento de vazio e de falta intrínseco a todo sujeito. Essa incompletude revelada na experiência do absurdo, em Camus, na oposição entre descontinuidade e continuidade, em Bataille, é fonte propulsora de uma experiência de revolta contra a existência chancelada pelos abismos da não significação e da finitude. Com ela, um dilaceramento advém: o enfrentamento lúcido do clamor pela coincidência com a totalidade conduz ao impossível, uma vez que tal identidade, se concretizada, teria como correlato a desconfiguração da forma que nos define. A revolta delinea-se, pois, como uma experiência tensa que encontra em si mesma uma interdição. Destarte, num primeiro momento, essa proposta visa interrogar, nos textos escolhidos, a conduta humana norteadas por essa tensão, que terá como horizonte a noção de limite em Camus, e de excesso soberano, em Bataille. Num segundo momento, o intuito consiste em delinear o modo como esse anelo visceral e universal relaciona-se com a experiência da criação romanesca, que se torna para ambos uma esfera em que a revolta encontra expressão contundente, ainda que sua significação adquira conotações diversas em cada um dos autores em questão.

II. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA, COM SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

1. Introdução e justificativa

A despeito da proximidade afetiva e teórica que teceram em vida, à primeira vista, as obras de Albert Camus e de Georges Bataille parecem inconciliáveis e mesmo de difícil diálogo. Um leitor desavisado interrogaria, sob a égide da suspeita, acerca de uma possível consonância entre o pensamento filosófico de um escritor solar, que exalta o amor à vida, às belezas mundanas e naturais, o necessário equilíbrio entre o indivíduo e o cosmos enquanto pressuposto para felicidade, e as reflexões de um outro, obcecado com a experiência da morte, com o excesso e com a possibilidade de aniquilamento do sujeito. Ocorre que se o primeiro, tanto em seus ensaios filosóficos quanto em sua obra literária, exalta a adesão à vida, não o faz sem destacar o viés trágico dessa ênfase, ou seja, sua reflexão não se furta a sublinhar que a mesma consciência, que se lança nesse movimento de celebração do belo e do vital, o faz com a perspectiva de encontrar no objeto que celebra uma espécie de eco que apontaria para uma equivalência identitária, uma coincidência, que, no limite, teria como correlato o esfacelamento de uma existência perpassada pela falta ou de uma subjetividade fragmentada. Tal aspecto remete-nos de pronto à obra - também filosófica e literária - do segundo, para o qual o horizonte perseguido por todo indivíduo humano se traduz num impossível inconfessável, a saber, o reencontro com a continuidade ou com o movimento da vida plena, cuja interrupção consiste no pressuposto incontornável para a constituição do humano. Na obra de ambos, explode uma indignação tumultuosa contra essa destinação. Revela-se, assim, um vértice que os une, uma comunidade teórica fecunda.

Com efeito, é a possibilidade de explorar esse elo comum e as dissonâncias que a partir dele se delineiam que torna factível – e justificável - o propósito de uma incursão em alguns dos ensaios filosóficos e mesmo dos textos literários desses pensadores no âmbito deste projeto de pesquisa. Não obstante, para além do aspecto teórico já mencionado e que remete à especificidade do problema a ser perseguido nesta investigação, é importante observar um modo outro pelo qual as reflexões de Camus e Bataille convergem seja no que toca ao contexto em que foram produzidas, seja ao seu eixo temático, de modo a respaldar e justificar de modo mais contundente as razões desta proposta investigativa.

Esses escritores-filósofos compartilharam acontecimentos cruciais do século XX, particularmente aqueles vinculados à Segunda Guerra Mundial e aos seus desdobramentos políticos, sociais e morais. Para além da produção literária e dos ensaios teóricos, tanto um quanto o outro teceram um itinerário marcado pela fundação ou pela edição de textos para revistas e jornais emblemáticos das preocupações a eles contemporâneas, particularmente aquelas voltadas para a estética e para a história, para a política.¹ No que concerne aos eventos políticos de seu

¹ Essa consonância revela-se em publicações que se nutrem sobretudo dos ensejos fornecidos pela época: a sociedade francesa à luz da ocupação alemã num primeiro momento e, posteriormente, pós- liberação, confrontada consigo mesma ante a urgência da reconstrução social e política no pós-guerra, enfrentando a imposição do julgamento e da avaliação daqueles que compactuaram e dos que resistiram à dominação estrangeira. Do lado de Bataille, nos anos 30, a fundação e efetiva participação nos periódicos *Document* ou *La critique sociale* e, nos anos 40, o envolvimento com a fundação da revista *Critique*. Do lado

tempo, do lado camusiano, vale destacar o engajamento nas perspectivas de um homem de esquerda, exercidas, sobretudo, a partir de atividades jornalísticas desde *Alger Républicain* (1938-1939), antes de sua partida para a França, e depois em *Combat* (1944-1947) e *L'Express* (1955-1956), bem como em seu envolvimento com o teatro durante toda a sua vida, num contínuo equacionar das problemáticas de seu tempo. Sua trajetória é marcada inicialmente pela adesão ao partido comunista, entre 1935 e 1937, do qual se distancia durante o conflito mundial, ao mesmo tempo em que se envolve com a resistência francesa. Este percurso culmina no desvio das vias institucionais dos movimentos partidários, e na dissidência dos movimentos políticos persecutórios de ideais absolutos e de utopias totalizantes. Norteados por uma ode à história, persecutórios de um processo que transmudaria integralmente o mundo o conformando às expectativas de unidade e conformidade, os movimentos revolucionários, insuflados por leituras diversas de Hegel e Marx, aos olhos camusianos, ideologizavam a política e traíam a revolta, eliminavam a tensão a ela constitutiva. Culminavam, assim, no horror e na violência contra os correligionários que deveriam ser eliminados. Os estados totalitários produzidos pelo século seriam, segundo o autor, os horizontes incontornáveis dessa política que se traduz numa “cultura de guerra civil”². Tal crítica atinge sua sistematização mais ampla em *O homem revoltado*, obra que o lança na condição de voz solitária, destoante dos movimentos políticos dominantes de seu tempo. Poderíamos dizer que suas críticas sempre se posicionaram contra a lógica da eficácia, e pela união entre política e moral. No que tange a Bataille, seu percurso é também marcado, sobretudo nos anos 30, pela oposição às tendências totalitárias emergentes, ao mesmo tempo em que se desvia das formas ortodoxas de militância. Sua atuação política será pautada pelo envolvimento com as teorias sociológicas da época e com as vanguardas artísticas. No que se refere às primeiras, tecendo um diálogo com as vozes clássicas da sociologia francesa, Bataille buscará uma apropriação política da noção de sagrado, associando-o a uma via de transformação imanente, de modo que experiências sagradas pudessem ser localizadas na experiência cotidiana e vivenciadas como formas de libertação da vida subordinada à operacionalidade e à coisificação impostas pelo sistema capitalista. Em relação às segundas, o autor destaca-se inicialmente com sua crítica ao movimento surrealista e por suas divergências com o fundador do movimento, André Breton. O teor dessa crítica encontrará na revista *Documents*, do qual será o fundador e organizador mais fundamental, seu canal de expressão, e a Revista se tornará uma espécie de laboratório de experimentação estética, e que terá como meta o transtorno dos padrões da arte

camusiano, a participação na fundação e direção do jornal clandestino ligado ao movimento de resistência na França, o *Combat*, que subsiste apenas por três anos após a Guerra, no qual o escritor publicará além de inúmeros artigos e editoriais, o importantíssimo *Ni victimes ni bourreaux*, e nos anos 50 no hebdomadário *L'express* (que será cotidiano por um curto período 1955-56). (cf. *Dictionnaire de Albert Camus*, p. 77).

² GUÉRIN, J. *Dictionnaire Albert Camus*, Paris, Éd. Robert Lafont, 2009, p. 697.

dominante e o equacionamento dos “ limites da arte e do conhecimento científico”³, desconstruindo a separação entre os objetos dignos de interesse dessas esferas e os objetos em geral. *Documents* visava, assim, abalar as hierarquias estabelecidas, numa confrontação aberta das teorias estéticas e científicas vigentes: “A revista mostrava que todas as coisas independentemente da escala de valores determinada pela arte e pela ciência convencionais, poderiam estar lado a lado”⁴. Tal esforço de dessacralização dos objetos artísticos e científicos repercute, posteriormente, na atuação política mais declarada de Bataille, que ocorre com sua participação das atividades do *Collège de Sociologie*, e com a fundação do movimento *Contre Attaque*, (ao lado de Breton, agora reconciliados). Neste movimento, o autor exercerá uma militância de caráter mais marxista, num momento em que, ante a ascensão dos movimentos fascistas, considera a política como preocupação primeira⁵. No entanto, tal como ocorre com Camus, sua busca por formas de insubordinação política opera-se fora da militância partidária e mais consoante a propostas ligadas a produções alternativas de conhecimento, ou seja, com propostas de transformações na arte e na ciência. Com assinala J. Goitacás: “É possível dizer que tanto *Documents* quanto *Collège* eram espaços que propunham catalisar iniciativas que envolviam arte, conhecimento e política, sem que uma dimensão se sobrepusesse à outra (...)”⁶.

Essas referências ao modo pelo qual Camus e Bataille envolveram-se com os acontecimentos de seu tempo têm aqui o intuito de destacar que a necessidade de desenvolver uma reflexão sobre a sua própria atualidade não se efetivou sem que se destacassem importantes conexões entre ambos, as quais, imbricadas com as questões políticas e com as reflexões concernentes ao momento vivido, vinculavam-se ao mal, à moral e à arte; dimensões da existência nas quais o indivíduo humano defronta-se com a necessidade de viver e de se equilibrar em estado de profunda tensão. Essa tensão eis, por ora, nosso ponto.

2. A tensão em distintas perspectivas

Em seu primeiro ensaio filosófico, datado de 1942, bem como nas obras dramáticas e literárias que perfazem o denominado círculo do absurdo, Camus reflete acerca do confronto entre o homem e sua condição, ressaltando o fato de que a consciência lúcida acerca de sua clivagem em relação ao mundo não deixa de ser assediada pela fantasia primária da unidade. Sucumbir a ela significa abdicar da lucidez e, no limite, da possibilidade de uma criação – artística ou ética - que faça jus à tragicidade de sua condição. Daí decorre que uma subjetividade que não renuncie à clarividência dos interditos de seu sonho identitário e que ao mesmo tempo sinta em si os apelos

³ GOYATÁ, J. V. *Georges Bataille e Michel Leiris – A experiência do sagrado*. São Paulo: Humanitas, 2016, p. 51.

⁴ *Ibidem*, p. 53.

⁵ SURYA, M. *Georges Bataille, La mort à l'oeuvre*. Paris: Gallimard, 2012, p. 262.

⁶ GOYATÁ, J. V. *Op. Cit.*, p. 60.

que emanam de seu íntimo, esteja permanentemente engajada. Seu compromisso consiste em manter como concomitantes a indignação ante uma condição que a expõe à morte e ao mal e a adesão ao mundo que, a despeito de seu silêncio, a brinda com sua inesgotável multiplicidade e beleza e assim insufla nela o desejo de viver. Inicialmente, essa revolta circunscreve-se à experiência subjetiva e culmina numa ética que se funde com uma estética. No ensaio mais tardio, *O homem revoltado*, essa experiência amplia-se para uma dimensão universal e bifurca-se entre as vias da moral e da estética. Mas, nos dois momentos, a tensão intrínseca à revolta é apresentada como uma coexistência entre o “sim” a um universo que nos negligencia e o “não” ao seu destino inexorável. Esta tensão vulnerável pode sempre pulverizar-se, fazendo prevalecer a adesão inequívoca ao modo pelo qual a existência se apresenta ou a recusa radical a ela. Tais direções culminam necessariamente no niilismo, porquanto em quaisquer dos casos esboroa-se o equilíbrio exigido pela atitude lúcida ante si mesmo e o mundo, de sorte que prevalece a negação da vida, a alienação da absurdidade.

Bataille, em momentos diversos de sua obra, reflete acerca do homem que enfrenta sua condição e se lança nas exigências da ação e da história, mas não ignora o apelo inumano – e supra-histórico - que nele ecoa, a saber, o anseio por uma continuidade que supera sua condição de uma consciência individualizada. Também aqui é sob o registro da tensão que a ação humana contingente e indeterminada se desenvolve. Por mais que o homem se volte para as demandas do mundo e se engaje na existência histórica e social, ele não tem como suprimir os apelos desse fascínio que nele transborda, a saber, o excesso que o habita. Decerto, a humanidade se organiza e persevera, o que não se consumaria se o pendor para o excesso não fosse contido. Não obstante, o sucesso na instituição de um mundo racionalmente ordenado acena simultaneamente para uma existência que se atém à miserabilidade instrumental, em detrimento de uma forma de existência voltada para as atividades que visam exclusivamente a aproximação com a vida em seu ápice de vitalidade, que não se subordinam ao ethos da eficácia. A inserção nos imperativos da sobrevivência, que são aqueles exigidos pela ação humana em sua dimensão subjetiva e coletiva, não logrará erradicar de cada consciência individual ou mesmo do âmago de toda cultura o apelo do impossível. Abre-se assim a fresta pela qual a revolta contra a vida coisificada aflora, operando a busca pelas experiências soberanas que advêm com o gozo do dispêndio gratuito e da pura perda, os quais, se ilimitados, decretariam o fim do humano. É, pois, na tensão entre esses extremos que, sob a letra de Bataille, a vida humana se desenrola.

Com Camus, uma existência plena será aquela que não abdicará dos apelos interiores, mas que também não cederá a eles por completo, salvaguardando assim um modo de vida tenso entre a aceitação e a recusa. Com Bataille, a vivência plena da condição humana exige ao mesmo tempo a assunção dos limites que a configuram e a atenção aos anseios profundos pela vida que trazemos em nós, os quais, se esquecidos ou ignorados, culminam numa existência estéril. Na obra desses autores, o elogio a uma condição tensa do existir se desdobrará na assunção de

posições polêmicas no debate sobre os problemas de seu tempo histórico - a solidariedade ativa, no primeiro; uma defesa original da soberania, no segundo - , em obras de ficção e numa filosofia que elege como problemas primeiros aqueles ligados à questão da felicidade, do mal, a moral, da arte e da literatura. Os elos por eles tecidos nessas vertentes vêm legitimar o recorte perseguido por uma investigação que pretenda mapear, em textos selecionados, as consonâncias e as divergências entre ambos no que toca ao que poderíamos designar aqui sua busca ontológica, a qual se inscreve numa inspeção acerca do anseio fundamental de nossa condição - unidade em Camus, continuidade em Bataille -, na tensão intrínseca à revolta contra a vida mutilada e no modo pelo qual essa mesma revolta açula o espírito para a uma atitude criadora e soberana, em particular para aquela que se inscreve na arte da escritura e na produção de uma obra romanesca.

A estadia de três meses em Paris, no CIEPFC (*Centre International d'étude de la philosophie française contemporaine*), da *École Normale Supérieure*, a convite da pesquisadora Anne Simon - instituição em que já estive antes, a convite de Frédéric Worms - contribuirá em muito para o aprofundamento desta pesquisa. A riqueza dos estudos e debates ali desenvolvidos, e a frequência da biblioteca da *École*, bem como a BNF, serão cruciais para esse percurso na obra dos autores escolhidos.

III. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1. **Revolta, tensão e a unidade sempre falhada**

No que concerne à síntese da bibliografia fundamental, os dois autores que pretendemos estudar reconhecem que o anseio por uma coincidência com a totalidade da existência assedia e instiga profundamente a consciência humana. Ainda que de modo distinto, em ambos, a revolta se liga a tal anelo. Atentemos ao escritor argelino.

No âmago da obra camusiana, encontramos a reflexão acerca do descompasso insuperável entre o pensamento e o ser. A precariedade que daí decorre constitui atributo inalienável da condição humana. Mesmo ofuscada nos momentos em que nossos referenciais simbólicos parecem se fundir com a realidade em si, essa precariedade permeia a existência dos indivíduos e das coletividades; ela nos revela a cisão insuperável e instaura o absurdo que nos envolve. Em *O Mito de Sísifo*, o jovem ensaísta formula teoricamente a noção de absurdo e considera que a necessidade de uma justificativa para a existência - que não deixa de ser uma tradução do desejo de identidade e unidade - constitui uma paixão insuperável, intrínseca a todo ser humano. Assim, a conjunção entre a consciência, com seu desejo de coerência e o mundo com sua irracionalidade e seu silêncio configura o absurdo. O autor: “(...) o mais absurdo é o confronto entre o irracional e o desejo desvairado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. (...) Ele os adere um ao outro como só o ódio pode

juntar os seres. É tudo o que posso divisar claramente neste universo sem medida onde minha aventura se desenrola”⁷. A absurdidade, por conseguinte, como assevera Melançon, se traduz numa inadequação visceralmente metafísica: “(...) não é o espírito que a projeta sobre o real, mas ela se situa no nível do ser mesmo dos elementos comparados”⁸. É no vínculo negativo, mas invulnerável, pelo qual a consciência se enlaça com o mundo que a absurdidade se delinea. Ao inquirir os caminhos que se delineiam para a consciência que enfrenta, no âmbito da inteligibilidade, a clivagem que chancela sua condição, Camus indaga acerca das condutas que se desdobram a partir da experiência de uma lucidez absurda. Nessa vertente, explode a experiência da revolta.

Nos textos de Bataille, deparamo-nos com a constatação de que o sentimento de uma existência subjetiva é coextensivo à nossa condição de seres incompletos e fragmentários, sem a qual uma consciência pensante não se estabeleceria. Não obstante, essa condição fragmentária que é a nossa é perpassada por um anseio que a contradiz; algo em nós aspira à continuidade e deseja o mergulho num todo uno, o que extinguiria o abismo da separação com o que nos circunda. Certas atitudes, nas quais Bataille aponta como predominante o elemento erótico, nos acenam com a imagem que vem suprir a falta que sela nossa condição, a saber a impossível inserção na continuidade. Elas implicam uma convulsão interior, o desconfigurar das identidades fixas; atualizam, pois, a fantasia da fusão com o todo, cujo encantamento advém do sentimento de continuidade, que se enlaça com a morte e que norteia as experiências eróticas sejam elas ligadas aos corpos, aos corações, ao sexo. Afinal, só a morte realizaria o nosso profundo desejo de exuberância de vida ou de voluptuosa felicidade. A atividade sexual, para além da reprodução ou do sexo puro e simples, bem como certas vivências religiosas que nos põem em contato com o sagrado são assim emblemáticas e exercem sobre nós essa fascinação. As atitudes soberanas, como as designa Bataille, serão perseguidas por aqueles que recusam a vida mutilada, mas como em Camus, também aqui um dilema se instaura, uma vez que a entrega plena ao excesso exigiria supressão da subjetividade configurada.

As experiências que poderiam contemplar integralmente nossa nostalgia do todo - ou de unidade, o diria Camus - não se consumariam, segundo Bataille, senão sob o signo de uma violência aterradora de dissolução das identidades fixas. Uma experiência de sofrimento assim vislumbramos, ainda que a dor a ela intrínseca constitua o passaporte para uma alegria profunda. Essa violência, uma vez consumada em seus extremos, ceifaria a possibilidade de perseverar na existência, expectativa fortemente nutrida pelos seres descontínuos que somos. É necessário, pois, que uma violência interior se opere para que possamos adentrar o impossível. Tal violência se dá a ver na atitude erótica, revelando uma força desmedida que nos constitui e cuja meta não é outra

⁷ CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989, p. 35.

⁸ MELANÇON, M. *Albert Camus Analyse de sa pensée*. Fribourg Suisse: Ed. Universitaires, 1976, p. 26.

senão a vida no auge de sua intensidade. Explica-se assim, como nota F. Altberg, que o erotismo “vincule-se de certa a maneira ao vício, à mácula, portanto ao mal”⁹. Bataille pondera, entretanto, que se a destruição e a violação são imprescindíveis para a plenitude dessa experiência, o índice de gravidade que ela comporta não apenas não é fixo como não pode ser absoluto. De fato, para que esse mergulho na continuidade tenha lugar, cumpre que esse processo não seja de todo nefasto e que a morte não prevaleça. Ou seja, em tais experiências, a forma em que o sujeito se configura não desvanece por completo, mas a desestabilização por ele sofrida oferece o sentido das atitudes que conduziriam ao ápice de positividade, a nenhuma falta, mais diretamente, ao aniquilamento. O que assim se desvela é o impossível subjacente a essa empreitada, porquanto a consumação última da dissolução por meio da qual adentraríamos a heterogeneidade indistinta do ser também eliminaria a tensão fundadora dessa experiência, de sorte que ela não poderia ser vivenciada. Nessa senda, pontua Bataille, o erotismo atua como um sinal que se atém a revelar o que a vida social e ordenada do cotidiano se empenha em encobrir e nos induz a esquecer, a saber, as forças soberanas que em nós clamam pelo salto na continuidade ou o excesso que anseia pelo derrame.

Com efeito, insiste Bataille, a existência descontínua só prevaleceu com a constituição dos interditos – sobretudo aqueles concernentes à vida sexual e à morte, os quais se instauraram como decorrência das atividades ligadas à organização da sobrevivência. Com eles consumou-se o distanciamento do “objeto perturbador” ou das experiências em que o fascínio se amalgama com o pavor e se abriu uma nova destinação para a energia humana. Desse modo, as atividades ligadas ao trabalho e a constituição do universo de linguagem, fatores imprescindíveis para a constituição e um pensamento distinto, propiciaram uma motivação mais do que contundente para que fossem denegadas e afastadas as ameaças de desordenamento que emanam da interioridade humana. Nesse sentido, a sujeição aos interditos é a condição da humanidade que persevera, ainda que o anelo pela continuidade persista. Também em Camus, a vida humana mais integral será aquela que enfrenta o anelo pela unidade, sem sucumbir a ele. Em ambos, a relação com esse permanente assédio da representação identitária é tensa.

Uma vez fundamentada a noção de absurdo, o interesse camusiano volta-se para aquele que assume lucidamente a cisão que a vida impõe entre a consciência e o mundo. Não obstante, mesmo quando visceral, o discernimento da consciência acerca da falta que a constitui não logra haurir suas fantasias de identidade totalizante. No entanto, quando prevalece o enfrentamento lúcido da condição absurda, sustenta o autor em *O mito de Sísifo*, delinea-se conseqüentemente a experiência ambígua da revolta ou “(...) o confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão”¹⁰. A revolta implica uma lucidez dilacerada. O homem por ela norteado instala-se na

⁹ ALTBERG, F. *Georges Bataille ou l'Envers de la philosophie*. Paris: Camion Blanc, 2014, p. 58.

¹⁰ ALTBERG, F. *Georges Bataille ou l'Envers de la philosophie*. Paris: Camion Blanc, 2014, p. 66.

tensão permanente entre o desejo de unidade, o afã de superar a absurdidade, e a lucidez acerca da interdição que sela este desejo. A exigência desta tensão constitui, pois, outro aspecto da originalidade do pensamento camusiano no que concerne à sua compreensão acerca da nostalgia de unidade. F. Worms assinala que esta tensão implica “(...) não trair nem a ausência de sentido nem a sua demanda, nem a absurdidade das coisas nem a dignidade do homem; jamais se contentar com a ausência de sentido esquecendo a exigência de sentido, não trair jamais essa carência com a pretensão de conduzi-la a uma resposta”¹¹. Divorciado de toda esperança, o sujeito revoltado tem por paixão a vida, mas seu *ethos* é viver sem apelar, morrer sem conciliação.

No ensaio filosófico mais tardio, *O homem revoltado*, já não basta a consciência clara. Doravante, a lucidez exige o julgamento da realidade que nos circunda e instiga o sujeito lúcido a dar vazão ao sonho de uma ordem outra, na qual a conciliação desde sempre almejada possa enfim ser vislumbrada. A revolta, nesse segundo momento teórico, esclarece que o sofrimento vivenciado subjetivamente transcende o indivíduo e revela que a absurdidade, a discrepância visceral entre a consciência e o mundo, é indissociável da condição humana, de modo que “o mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva”¹². Um feroz sentimento de pertinência à ordem humana assim se delineia e explicita o destino comum que sela essa condição. O desejo pungente que habita toda e qualquer consciência, aquele da unidade persiste; consumá-lo exige o fim do equilíbrio sobre o qual se erige a revolta, ou seja, implica a negação da absurdidade que funda a condição humana. Não obstante, o que o escritor evidencia é que, ao se ampliar, a revolta permanece vulnerável e atua como um afeto que se estrutura a partir de uma difícil tensão entre o desejo alucinado de lógica e a lucidez acerca do silêncio do mundo. Para que ela não se adultere, é condição *sine qua non* que algo não se ofusque: a solidariedade, a consciência de que o desejo de liberdade e de justiça concerne a todos os homens. A minimização desse discernimento pulveriza o difícil equilíbrio sobre o qual essa indignação estruturante se erige e implica a prevalência de apenas um dos seus eixos. Inversamente, a manutenção dessa clareza impede que seu movimento se desdobre univocamente na direção de um dos extremos que a compõem: o “sim” e o “não”. Camus, novamente: “O pensamento revoltado não pode, portanto, privar-se da memória: ele é tensão perpétua” (Camus, 2003, p. 35). Doravante, portanto, ainda que transmutada, a revolta permanece íntegra à medida que se mantém tensa, calcada no sentimento de solidariedade entre todos os homens. A despeito das diferenças que os dois ensaios camusianos apresentam entre si no que tange à fundamentação deste conceito, em ambos prevalece a tese fundamental: para que o raciocínio absurdo se cumpra até o final é imprescindível que o confronto entre a consciência e a vida, ou seja, a fratura entre elas, persevere. A revolta deve manter-se na

¹¹ WORMS, F. *La Philosophie en France au XXe. Siècle*. Paris: Folio Essais, 2009p. 327.

¹² CAMUS, A. *O homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996, p. 35.

tensão entre o clamor por unidade e a lucidez quanto à inutilidade de todos os esforços que visam a superação de sua precariedade; encruzilhada similar delinea-se no pensamento de Bataille.

O *ethos* da utilidade, viabilizado pelos interditos, ao tornar-se dominante e configurar de modo exclusivo o horizonte perseguido pelos homens e pelas sociedades, domestica a pulsação vital da existência, sua tendência à desordem, mas não a extingue. Daí decorre que somente com a experiência da transgressão dos elementos que nos tornam humanos reencontramos a vida que, no auge de seu frenesi, atende ao nosso clamor mais subterrâneo e íntimo. Vislumbramos, assim também em Bataille, a configuração de uma tensão fundamental: a sociedade exclui o interdito, mas também o sacraliza. O interdito, à medida que, ao proibir, revela paradoxalmente o caminho para o excesso de vida, aguça em nós o desejo de o transgredir, ainda que o faça desvelando simultaneamente o terreno da angústia e da morte implicado nessa aventura. Na tensão entre esses dois parâmetros a conduta humana deve equilibrar-se. Verifica-se, destarte, uma complementação dinâmica, de modo que interdito e transgressão se revelam indissociáveis. A segunda não implica a supressão do primeiro, mas apenas a sua efêmera suspensão. Bataille outra vez: “O interdito e a transgressão respondem a estes dois movimentos contraditórios: o interdito rejeita, mas a fascinação introduz a transgressão”¹³. Eis a tensão que aflora no cerne dos atos que nos lançam numa experiência de continuidade. A rigor, há em nós essa unidade de contrários que se traduz num complexo indivisível, para ficarmos nos termos do autor. A vida é excesso e prodigalidade e é nesses atributos que vislumbramos uma existência soberana, ou seja, no dispêndio excessivo em que o sujeito esgota suas forças e seus recursos gratuitamente, em que aniquila a si mesmo. Por essa razão, há um ponto extremo que nos mobiliza de modo pungente, que é pura angústia e que clama em nós por experiências em que a vida se encontra decididamente em risco. Frédéric Altberg comenta: “É neste sentido que, através do interdito, os homens conservam, secretamente, inconscientemente, a nostalgia do gozo, quer dizer, da confusão com a continuidade perdida, (...) que só pode ser objeto de uma experiência limite”¹⁴. O auge do desejo humano é uma angústia de morte, é anseio interior pelo abismo que só o homem consciente de sua finitude e desejoso de perpetuidade antevê. Ceder por inteiro a esse apelo significa cancelar a ruína e a perdição seja de nossas obras, seja de nosso eu.

Assim, outra proximidade delinea-se entre Bataille e Camus. Para ambos, é no âmbito da tensão que a busca da unidade ou da continuidade nos insere. Em Camus, essa tensão, por meio da qual se experimenta a existência humana plena, desenha-se com a nostalgia de unidade que pulsa em nós, mas só a podemos manter ou dela nos aproximar se recusarmos os extremos. Em Bataille, só logramos nos aproximar do ápice da vida se mantemos os interditos, se nos recusamos ao mergulho – igualmente extremo - na experiência visceral, o que equivaleria decerto ao ápice

¹³ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 63.

¹⁴ ALTBERG, F. *Georges Bataille ou l'Envers de la philosophie*. Paris: Camion Blanc, 2014, p. 50.

da vida, mas igualmente à sua supressão. Para além dessa tensão enquanto ponto de encontro, nos dois universos teóricos, deparamo-nos com uma experiência privilegiada, aquela que viabiliza o contato e a celebração desse clamor que incendeia a intimidade de todo homem: a criação.

À luz das considerações até aqui tecidas, a “consciência revoltada” constitui um tema comum a ambos, ainda que tenha sido tratado de modo mais explícito na obra camusiana. Em que pese o termo *revolta* não ser tão frequente nos textos de Bataille, o movimento desse afeto não deixa de ser por ele registrado, sobretudo se considerarmos as vezes sem número em que nos deparamos com sua denúncia dos riscos de coisificação da existência - quando preponderam a submissão exacerbada à lógica do utilitário, da produtividade e o esforço para erradicar as condutas norteadas pelo excesso - , e com o seu chamado para o não esquecimento das forças excessivas que nos constituem. Essa comunidade temática remete-nos ao fato já mencionado de que Camus e Bataille compartilharam os dilemas concernentes ao seu tempo e, inclusive, se leram reciprocamente. Bataille planejava inclusive escrever um livro sobre o escrito argelino, projeto que jamais se concretizou. Entretanto, nos momentos em que se debruçou sobre os textos deste último, o filósofo do excesso tomou o tema da revolta como porta de entrada e objeto de reflexão. Nessa direção, *La morale du malheur: 'La Peste' (1947) Le temps de la révolte (1951); L'affaire de l'homme révolté (1952)*, publicados em *Critique*, - artigos nos quais nos aprofundaremos no decurso da investigação - versam sobre essa problemática, referindo-se tanto à produção ensaística de Camus, quanto à literária. Não obstante no texto de 1947 Bataille tome partido do que denomina, “o núcleo duro do pensamento de Camus”¹⁵ será também o tema da revolta que nos conduzirá aos pontos em que a perspectiva dos dois autores se distanciam. Em Camus, a revolta, sobretudo no último momento de sua obra, instaura o caminho da moral e da arte como possibilidades de criação que, sem abdicar da tensão, vislumbram um horizonte de refundação do mundo, que podemos compreender como uma positividade, já que remete à invenção de formas inauditas. Em Bataille, podemos considerar que a revolta ante a sujeição ao mundo homogêneo é criadora sim, mas se trata, antes, de uma revolta dissidente dos projetos e dos sonhos de futuro. Sob a sua perspectiva, é a negatividade originária que esse afeto resgata, no seu movimento excessivo de criação e destruição das formas. Se Bataille aproxima-se das primeiras reflexões camusianas acerca da revolta, distancia-se das elaborações prevalentes em *O homem Revoltado*. No decurso da pesquisa procuraremos verticalizar esse ponto, enfatizando que as diferenças, entretanto, não obscureceram a interlocução e as afinidades que entre eles se estabeleceram seja no plano pessoal ou naquele dos textos¹⁶.

¹⁵ LALA, Marie-Christine, Bataille, Georges (1897-1962). In: GUÉRIN, J. (org) *Dictionnaire Albert Camus*. Paris : Ed Robert Laffont, 2009, p. 77.

¹⁶ “Em 1949, ele (Bataille) comenta *O estado de sítio*, que o autor a ele dedicou e vai até projetar um livro sobre Camus. Se é excessivo falar de influência, pode-se ao menos observar o grande respeito mutual que os mantem à escuta um do outro, num inegável jogo reflexivo no qual se manifesta um acordo sobre

2. Criação na existência e na literatura

Sob o prisma camusiano, a recusa do eterno ou da sedução do absoluto, no caso do homem perpassado pela revolta, tem como correlato a sofreguidão de reproduzir, em cada experiência, o movimento fascinante da vida. Daí decorre que essa indignação se traduz numa exigência estética, de sorte que o impulso à criação vise reproduzir a multiplicidade e a novidade incessante do espetáculo mundano, assumindo a experiência da cesura que ele implica: “Neste universo, a obra é então a oportunidade única de manter sua consciência e de fixar suas aventuras. Criar é viver duas vezes”¹⁷. Instaure-se, assim, o fascínio de fazer da própria experiência vivida uma criação. A estilização da subjetividade, nesse caso, consiste em afirmar a existência em atos desesperançados, permitindo a construção de uma obra ou de uma conduta que, sem alicerces sólidos, persevera sobre o vácuo. São as vias da ética que se oferecem como caminho para o ato criador, o que leva o autor a apresentar uma alternativa de construção de si num mundo incólume aos clamores da razão. Mas em seu primeiro ensaio filosófico Camus não tem a pretensão de propor modelos universais de conduta que julguem a experiência; sua reflexão nos remete antes a exemplos singulares, alguns tipos humanos – o conquistador, o ator, o artista – que, privados de futuro, e cômicos da cesura neles inscrita, almejam a inserção máxima da vida inventando uma forma singular de viver. A ética e a estética se fundem, pois, num único percurso criador, mas esse movimento que amalgama essas duas dimensões não ultrapassa a experiência subjetiva. Também em *O homem revoltado* as vias que se abrem para a criação são éticas e estéticas, mas permanecem separadas. Daí decorre que, por um lado, a revolta se engaje no empreendimento de reconfigurar o mundo humano em nome de certos valores, propósito que não deixa de ser impulsionado pelo anseio visceral que se move nos confins do coração humano, de sorte que a busca da unidade se reveste de um teor moral. Por outro lado, abre-se a vertente da estilização e da criação artística. A arte desvela-se como uma das vias de recriação do mundo e também nela persiste a nostalgia da unidade perdida, ainda que a tensão imanente à revolta que a suscita deva sustentar concomitância entre o sim e o não. Camus outra vez: “A revolta humana tem duas expressões que são a criação e a ação revolucionária. Nele e fora dele, o homem não pode encontrar senão desordem e ausência de unidade”¹⁸.

Em *O mito de Sísifo*, o tipo absurdo ao qual Camus atribui maior relevância é o artista. No que tange à criação romanesca, a peculiaridade do escritor reside em apreender de modo inaudito os aspectos multifacetados da realidade mundana. A obra traz à luz uma organização inédita do real, segundo critérios subjetivos. Mas não se trata aqui de dar forma a valores

o essencial”. LALA, Marie-Christine, Bataille, Georges (1897-1962). In: GUÉRIN, J. (org) *Dictionnaire Albert Camus*. Paris : Ed Robert Laffont, 2009, p. 77.

¹⁷ CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004, p. 110.

¹⁸ Idem. *Ouvres II*, p. 477.

transcendentes. Nas palavras do autor: “Descrever, eis a última ambição de um pensamento absurdo. (...). O coração, assim, aprende que essa emoção que nos arrebatava diante dos rostos do mundo não nos vem de sua profundidade, mas de sua diversidade. (...) Compreende-se, agora, o lugar da obra de arte”¹⁹. O romancista, assim como todo artista que se mantém coerente com sua absurdidade, vislumbra a solidão que dá margens à criação; sente nele a sedução do silêncio, mas não pode escapar ao seu tempo e aos confrontos que ele exige. Tal como na ação humana em geral, a singularidade da obra reflete a circunstância particular e concreta na qual esta subjetividade se insere; ela instaura uma situação, cria um universo. Nesse sentido, Marcel Melançon elenca os elementos que, segundo o ensaísta, definem a criação – ou o romance absurdo. Primeiramente, a obra deve retratar tudo o que esta nova visão de mundo, regida pela absurdidade, logrou capturar. Cumpre que ele anuncie a recusa da esperança e de todo gozo de eternidade, reproduzindo a imagem da condição absurda que é do autor da obra, bem como a de todo homem, ao mesmo tempo em que expõe sua insuperável inutilidade. Em seguida, deve prevalecer a descrição isenta de explicação. Aqui o esforço racional declina ante as pretensões identitárias que conduziriam ao desvelamento da verdade última dos seres. O comentador: “O pensamento que parte da não significação do mundo deve permanecer nela e desistir de encontrar razões superiores, ele deve se limitar a descrever simplesmente”²⁰.

Destarte, no primeiro momento de sua reflexão filosófica, Camus considera que à medida que instiga a criação, a revolta se transmuda em expressão estética, mas é contundente: uma criação, uma obra, só se mantém coerente com a absurdidade se não cede aos apelos da unidade. Em *O homem Revoltado*, a consciência desperta, conquanto atenta ao caráter vão de seus propósitos, lança-se no enalço de um mundo que, em alguma medida, atualize suas fantasias de unidade. Reconfigura-se, pois, a relação entre revolta e arte. “O artista, quer queira quer não, não pode mais ser um solitário, exceto no triunfo melancólico que ele deve a todos os seus companheiros na arte. A arte vinculada à revolta acaba também por revelar o ‘nós somos’, e, com essa expressão, o caminho para uma ardente humildade”²¹. Camus ratifica que a criação de uma obra literária que traga o estigma do homem lúcido exige o esforço supremo para se manter na dura tensão exigida pela revolta. Mas isso não impede que, no romancista, a revolta ponha em movimento o desejo de reinstaurar a criação, sanando toda falta e minimizando o desamparo humano. O autor: “Em toda revolta se descobrem a exigência metafísica da unidade, a impossibilidade de apoderar-se dela e a fabricação de um universo de substituição. A revolta, de tal ponto de vista, é fabricante de universos. Isso também define a arte”²².

¹⁹ CAMUS, A. *O mito de Sísifo(a)*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989, p. 117.

²⁰ MELANÇON, M. *Albert Camus Analyse de sa pensée*. Fribourg Suisse: Ed. Universitaires, 1976, p. 47.

²¹ Cf. WILLIAMS, R. Desespero trágico e revolta. In: *Tragédia Moderna*, São Paulo, Cosac & Naify, 2002 p.236

²² CAMUS, A. *O homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996, p. 293.

Não obstante, a denúncia da injustiça e a projeção de um horizonte pautado pela unidade celebram igualmente a vida e a beleza que a consciência desperta não pode negligenciar. E aqui a consonância entre arte e revolta é inequívoca. Para o ensaísta, o romance se define por um processo em que o artista reformula e corrige incessantemente a experiência que tem do mundo, instaurando uma forma que traduza sua necessidade metafísica de unidade. Notemos, contudo: o aceno romanesco para outra vida não suprime jamais o assentimento da multiplicidade mundana. Daí que o fascínio despertado pelos romances não se confunda com escapismo ou com propostas de alienação da vida. É no âmbito da tensão que esta forma de literatura captura o espírito dos homens. Enquanto produto inequívoco da consciência absurda, ela veicula, como toda arte genuína, a contradição constitutiva de toda revolta. Se a tensão não é transgredida, o enlace entre a obra e a vida é inevitável e a revolta que nela se encrava revela sua potência ontológica. O romance que permanece coerente com a revolta recusa de modo inequívoco o mundo, mas o faz num exercício ativo do desejo criador que incendeia todo espírito que assente o divórcio entre o pensamento e o ser; em sua recusa há também aceitação. Logo, para o escritor argelino, a criação, na vida e na arte, mais particularmente na invenção romanesca, permite a manutenção da tensão em que a um só tempo enfrentamos esse anelo sem sucumbir a ele. Sutil delineamento que encontra paralelo nos textos de Bataille, ainda que para este a criação não se coadune com instauração de mundos outros, mas com o desperdício e o excesso. Eis uma diferença que aprofundaremos no decurso desta pesquisa.

Em Bataille, a possibilidade de transgredir sem que se opere a subsunção ao aniquilamento total encontra seu viés mais fértil no trabalho da imaginação. Assim, ao incitar o ato transgressivo, as proibições trabalham inconscientemente em nós e incitam o movimento transgressor. Notadamente, o que entra em ação com esse estímulo, como nota Frédéric Altberg, é um pensamento inventivo que se abre ao real interdito. Viés que será explorado, sobretudo, pela imaginação artística, a qual, uma vez em ato, culminará com a simultânea conscientização desse processo e uma figuração do impensável por meio das formas inventadas. Nesse sentido, a esse ato criador compete desvelar - em imagens e formas - o sentido último do ser, a saber, a continuidade informe, heterogênea e irracional que fornece à imaginação as energias para engendrar suas obras. O comentador ainda uma vez: “Um tal desvelamento do mundo como essa intensidade incomensurável que se desdobra em pura perda, (...) é (...) o sentido último da arte e da poesia”²³. Mobilizada por um pensar que ousa para além da razão, ao engendrar suas obras inesgotáveis e prodigiosas, a arte tece, tal como as condutas eróticas, uma conexão com o impossível e enlaça-se com a transgressão. Ela nos afasta do universo regido pela lógica do acúmulo e da produção, insere-nos no mundo que vem ao encontro da nossa ânsia de desordem e assim revela seu parentesco com as atitudes eróticas.

²³ ALTBERG, F. *Georges Bataille ou l'Envers de la philosophie*. Paris : Camion Blanc, 2014, p. 56.

Destarte, a arte em geral e a literatura, mais especificamente, vêm ao encontro da nossa dificultosa cisão interna. Nelas atualiza-se permanentemente este jogo de opostos ou esta tensão que, de acordo com Bataille, nos constitui. Por um lado, o sonho de atingir os paroxismos da vida - de uma felicidade voluptuosa -; por outro, a conotação de desgraça e perda que esse sonho adquire quando o olhamos sob o prisma de nossa humanidade organizada. Enfatiza o autor: “A arte – pelo menos algumas entre elas – incessantemente evocam diante de nós estas desordens, estes dilaceramentos e estas quedas que nossa atividade inteira tem por objetivo evitar”²⁴. É na vertente do mal e do desastre que se põem a criação artística e, sobretudo, a criação romanesca. Certamente, Bataille não deixa de pontuar que o escritor e o leitor, ao embarcarem na aventura literária, seguem na direção inversa da desgraça, porquanto o sentido primordial desta empreitada, advoga o autor em seu ensaio *A felicidade, o erotismo e a literatura*, é o prazer ou a felicidade. Paradoxalmente, entretanto, esse intento de plenitude por intermédio da criação romanesca que nos aproxima da vida excessiva está fadado ao fracasso caso se atenha a descrever experiências de pura felicidade. Inversamente, o deleite que a literatura proporciona, adverte o autor, vem da conjunção dos opostos, ou seja, de um prazer que aflora com a angústia e com a vontade de risco, das dificuldades expostas, dos impedimentos e das irregularidades que obstaculizam esse prazer. Assim, certos escritores nos conduzem ao “acordo do homem com seu próprio dilaceramento”, “à dança que vai da vida à morte”²⁵, e nós os seguimos com uma inquietação excitante que nos remete à virulência do excesso e do dispêndio.

Tanto a poesia quanto a literatura, assevera Bataille, têm o destino das atitudes eróticas; elas nos remetem à indistinção dos objetos, à morte, à continuidade. Enquanto produtoras de “formas (...) que surgem e desaparecem inutilmente”, no dizer de Roberto Sasso²⁶, elas nos inserem numa perspectiva que não é a da lógica ou a da razão. Enquanto perda e desperdício, antinômica à produtividade, próxima dos atos eróticos que mesclam voluptuosidade e angústia, argumenta Bataille, a literatura pertence à parte maldita do homem; seu escopo é o momento soberano de um gasto que arruína. Confrontando-nos com a abertura para um outro real, para o ilimitado; tal como a perturbação erótica, os romances nos descortinam as vias da continuidade, do ser que o puramente inteligível jamais desvelaria. Bataille o precisa: “Fazer obra literária é voltar as costas à servidão, como a qualquer diminuição concebível, é falar a linguagem soberana que, vindo da parte soberana do homem, se dirige à humanidade soberana. Obscuramente – (...) de uma maneira oblíqua, embaraçada o amante da literatura tem o sentido dessa verdade”²⁷. A literatura, enquanto obra da imaginação, não apenas emerge de um todo originalmente contínuo que antecede o mundo organizado, mas o expressa. O que há de mais visceral no coração do

²⁴ BATAILLE, G. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: LP&M, 1989, p. 58.

²⁵ *Ibidem*, p. 80.

²⁶ SASSO, R. *George Bataille: le système du non-savoir*. Paris: Minuit, 1978, p. 166.

²⁷ BATAILLE, G. *Op. Cit.*, p. 170.

homem nela se revela e se põe em questão. Em tensão consigo mesma, inclusive porque não deixa de ser obra de linguagem²⁸, o compromisso da criação literária é com a gratuidade da invenção, com o transtorno improdutivo do pensar.

E aqui, a despeito do distanciamento que se estabelecerá com Camus, uma proximidade se delinea, particularmente quando o autor considera que o artista absurdo e literato deve criar para nada e, assim, dar cores ao vazio. Para além disso, sob a mirada do escritor argelino, é através das atitudes criadoras e da criação romanesca em particular que flertamos com o reencontro da “pátria perdida”, à qual nos remetem também as experiências soberanas em Bataille; entre elas, a literatura, a criação romanesca. Notadamente, essa similaridade não se consuma sem uma profunda diferença, visto que essa pátria se traduz, para Bataille, no reencontro do movimento heterogêneo, no qual as formas criadas têm por destinação o aniquilamento; são, pois, criadas para desaparecer, incapazes de erotizar futuros quaisquer, ao passo que em Camus ela adquire as cores da paixão indomável pela experiência de comunidade com o mundo e sua recriação futura, ainda que esse futuro não advenha jamais. Em ambos, no entanto, é a tensão que perpassa esse ato criador.

A experiência da tensão remete a um difícil equilíbrio. Em Camus, uma vida ou uma obra, que se mantenha coerente com o anelo pela unidade que pulsa no íntimo de todo homem, deve se equilibrar entre a abertura ao apelo da unidade e a lucidez acerca da impossibilidade de responder plenamente a ele, sob o risco de contraditar a cisão entre a consciência e o mundo que chancela a existência humana. No caso da obra romanesca, que será também um pensar, seu estatuto será o pensamento dos limites; seu norte, a medida humana. Em Bataille, a experiência do excesso ou os atos que viabilizam a fruição máxima da vida, acenando para a experiência da superação de uma consciência individualizada, sem que a condição humana se esfacle, exige o equilíbrio entre as interdições e os atos que as superam; mesmo quando esses são consumados, o interdito é a condição para que uma proximidade com a experiência da continuidade se efetive sem que a obra humana pereça de modo irreversível. A transgressão propiciada pela criação romanesca é regida pelo jogo entre as extremidades da existência. Nos textos desses autores, é sob o registro da tensão que podemos contemporizar com o anseio pelo absoluto ou com a nostalgia da unidade que vicejam em nós. Não obstante, a ideia de tensão implica instabilidade, fragilidade e um esforço permanente de equilíbrio.

No desenvolvimento desta pesquisa, pretendemos verticalizar os pontos aqui apresentados interrogando a proximidade e a distância que se desenham entre esses filósofos

²⁸ O caráter discursivo da literatura, sua condição de produção de linguagem na qual os interditos adquirem forma, parece contraditar essa ideia. Enveredar por esse tema implicaria interrogar o caráter soberano que a linguagem dos romances e da poesia assume no pensamento de Bataille e o quanto ela ultrapassa não apenas a linguagem habitual, mas inclusive a filosofia que a ela se coaduna; questão que será enfrentada no decurso da pesquisa. No momento, enfatizemos que a escrita literária, como postula o filósofo, desvia os símbolos linguísticos dos fins cumulativos, da produção, da organização.

literatos no que concerne à relação entre a tensão da revolta e a criação romanesca. Procuraremos, ademais, perscrutar, nos textos selecionados, como cada um deles, a seu modo, reflete sobre os desdobramentos desta tensão sempre sujeita a se desconfigurar seja na conduta humana, seja na literatura. Nesse sentido, são emblemáticos os dizeres de Bataille: “O nome *humano* não designa jamais, como o sonham os ingênuos, uma posição estabilizada, mas um equilíbrio aparentemente precário específico da qualidade de humano”²⁹.

IV. Objetivos

1. Avaliar o modo pelo qual a questão da busca da unidade, em Camus, e o anseio pela continuidade, em Bataille, se constrói nos textos elencados no item **VI (Material e Método)**. Simultaneamente, trata-se de interrogar o modo pelo qual os dois autores se aproximam e se distanciam nesse ponto.
2. Analisar o modo pelo qual a problemática da tensão – derivada do anelo identitário e da impossibilidade de seu alcance pleno - aflora em Camus e quais suas conexões com o conceito de revolta e com a criação romanesca.
3. Nos textos selecionados de Bataille, perscrutar o modo pelo qual as experiências que de alguma forma propiciam a vivência da continuidade implicam, tal como em Camus, a configuração de uma tensão permanente entre o interdito e a transgressão. Indagar, igualmente, o modo pelo qual, em Bataille, o anseio fundamental do homem, a vida em seu ápice, se traduz em criação e mais particularmente em criação romanesca, bem como o lugar teórico que a tensão entre o interdito e a transgressão, segundo o autor, assumem no processo criador.
4. Relacionar a análise da obra dos dois autores estabelecendo as similitudes e as diferenças no que tange aos temas abordados. Explorar, particularmente, o sentido que a criação assume para ambos, tendo-se em conta que o ato criador, em Bataille, remete ao excesso e ao mal, à reprodução do heterogêneo, ao passo que, em Camus, remete à revolta que mimetiza o movimento do mundo, num primeiro momento, mas que se propõe instauradora de mundos, em sua reflexão mais tardia.
5. – Explorar, a partir dos recortes bibliográficos efetuados, a ameaça permanente de desfiguração do equilíbrio tenso intrínseco às experiências e condutas que convergem para a nostalgia de unidade, particularmente no que tange à criação literária.

V. Plano de Trabalho e Cronograma

- **Agosto/2024 a outubro/2024.** Leitura das obras selecionadas dos autores e pesquisa da literatura comentada. Elaboração dos textos a partir do estudo das obras dos autores -

²⁹ BATAILLE, G. *La souveraineté*. Paris: Ed Gallimard, 1976, p. 179.

textos selecionados - e da literatura comentada, que devem versar sobre os pontos de encontro entre a nostalgia de unidade (Camus) e o anseio pela continuidade (Bataille) e o lugar que a questão da tensão ocupa na obra de ambos.

- **28/novembro/24 a 25/fevereiro/2025.** Período de pesquisa no exterior junto ao CIEPFC, ligado à École Normale Supérieure, a convite de Anne Simon.
- **Março /2025.** a) elaboração relatório referente à pesquisa desenvolvida no período citado; b) articulação do material pesquisado e do trabalho em andamento.
- **Abril a maio/ 2025.** Elaboração dos textos que concernem à segunda parte da pesquisa, e que devem versar sobre a relação entre os apelos da unidade, revolta e a criação, mais particularmente a criação literária, sempre secundadas pela reflexão sobre a questão da tensão, em ambos os autores. Envio de uma primeira versão desta parte da pesquisa para publicação em forma de artigo.
- **Junho/ Julho/ 2025.** Organização final da pesquisa. Organização de um texto final, com vistas a publicação.

VI. MATERIAL E MÉTODO

Esta pesquisa propõe uma incursão pelos ensaios filosóficos de Albert Camus e Georges Bataille, norteada pelas questões acima apresentadas. Em Camus, serão privilegiados os textos: *O mito de Sísifo*; *O homem revoltado*, *O verão* e *Os discursos da Suécia*, além de ensaios e conferências, destacando os momentos em que o autor problematiza a revolta e seu desdobramento criador. Também algumas incursões em sua obra literária serão necessárias, particularmente: *O estrangeiro*, *O exílio e o reino*, bem como alguns de seus textos dramáticos a serem selecionados.

Em Bataille serão privilegiados: *O erotismo*; *A parte maldita (A noção de despesa)*; *A literatura e o mal*; *O nascimento da arte*; *L'expérience intérieure*; *La souveraineté*; ensaios (1944-1961) reunidos na coletânea *La felicidad, el erotismo y la literatura*. Também serão objeto da pesquisa os textos escritos por Bataille acerca da obra camusiana (*La morale du malheur*: “*La Peste*”; André Breton – Malcolm de Chazal – Albert Camus – especificamente o item *Le bonheur, le malheur et la morale d'albert Camus*; *Le temps de la révolte*; *L'affaire de “L'homme révolté”*), publicados nos volumes XI e XII de *Oeuvres Complètes* (Gallimard). A abordagem será sempre feita sob o recorte explicitado neste projeto, a saber, a tensão entre a revolta como anelo pela

experiência soberana e o anseio de perseverar nos limites da consciência individualizada e sua relação com a criação literária.

A consecução da pesquisa implica a análise interna dos textos mencionados e a confrontação da posição dos autores ante as questões aqui privilegiadas. Posteriormente, cumpre refletir e explicitar as consonâncias e as divergências que se apresentam entre eles, tanto em torno da experiência da revolta, da tensão que ela implica, quanto da problemática da criação literária que irrompe a partir dessas experiências, de modo a explorar a significativa distância que se estabelece entre eles no que tange ao papel da literatura. Decerto a bibliografia complementar está no horizonte desta metodologia; parte dela está explicitada nas Referências Bibliográfica abaixo.

VII. FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Publicação dos resultados da pesquisa em forma de artigos e capítulo de livros e posterior reunião desse material em livro autoral.

VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTBERG, F. **Georges Bataille ou l'Envers de la philosophie**. Paris : Camion Blanc, 2014.

AMIOT, A.M. ; MATTÉI, J. F. **Albert Camus et la philosophie**. Paris : PUF, 1997.

BARILIER, E. **Albert Camus Philosophie et littérature**. Lausanne: Editions l' age d' homme, 1977.

BATAILLE, G. **Le dictionnaire critique**. Paris: Ed. Gallimard, 1970.

BATAILLE, G. **La souveraineté**. Paris: Ed Gallimard, 1976.

BATAILLE, G. Le temps de la révolte; L'affaire de l'homme révolté; La morale du malheur: 'La Peste'. **Oeuvres Complète** , v. **XI**, v. **XII**. Paris: Ed. Gallimard,1988

BATAILLE, G. **A literatura e o mal**, Porto Alegre: LP&M. 1989.

BATAILLE, G. **Noção de despesa; A parte Maldita**. Lisboa: Fim de século Ed, 2005.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014.

BATAILLE, G. **O nascimento da arte**. Lisboa: Sistema solar, 2015.

BATAILLE, G. **A experiência interior**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BATAILLE, G. Materialismo; Informe; O baixo materialismo e a gnose. **Documents**. Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2018.

- BATAILLE, G. La felicidad, el erotismo y la literatura - ensaios, 1994-1961. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo(a)**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- CAMUS, A. **O homem Revoltado**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.
- CAMUS, A. **A inteligência e o cadafalso e outros ensaios**. São Paulo: Record, 2002
- CAMUS, A. **Cartas a um amigo alemão**. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 2003.
- CAMUS, A. **O Mito de Sísifo(b)**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.
- CHAMPIGNY, R. Esthétique et morale. In: FITCH, Brian T. (org.). **La revue des lettres modernes**, n. 9. Paris: Éditions Lettres Modernes, , 1979.
- CROISIER, R. **Albert Camus – L’Homme revolte cinquante ans après**. Paris-Caen: Letres moderns minard, 2001.
- GOYATÁ, J. V. **Georges Bataille e Michel Leiris – A experiência do sagrado**. São Paulo: Humanitas, 2016.
- GUÉRIN, J. (org) **Dictionnaire Albert Camus**. Paris : Ed Robert Laffont, 2009.
- HABERMAS, J. Entre erotismo e economia geral: Bataille. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Ed. Publicações Dom Quixote, 1990, p. 201 a 224.
- LÉVI-VALENSI, J. Introduction. In: CAMUS, A. **Ouvres I**, Paris: Pléiade, 2006.
- MELANÇON, M. **Albert Camus Analyse de sa pensée**. Fribourg Suisse: Ed. Universitaires, 1976.
- PATRY, J. **L’interdit, la transgression, Georges Bataille et nous**. Québec : Pull Diffusion, 2012.
- PROUTEAU, A. **Albert Camus ou le présent impérissable**. Paris: Orizons chez L’Harmattan, 2008.
- SASSO, R. **George Bataille: le système du non-savoir**. Paris : Minuit, 1978.
- SURYA, M. **Georges Bataille, La mort à l’oeuvre**. Paris: Gallimard, 2012.
- WEYNBERG, M. **Albert Camus ou la mémoire des Origines**. Le point philosophique : De Boeck Université, 1996.
- WORMS, F. **La Philosophie en France au XXe. Siècle**. Paris : Ed. Gallimard, 2009.